

CONTOS DA ERA DO ROCK: SUBJETIVIDADE E CULTURA POP NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Prof. Dr. Antonio Eduardo S. Laranjeira (UFBA)

Resumo:

A coletânea Rock book: contos da era da guitarra, organizada por Ivan Hegen, reúne contos brasileiros contemporâneos cujo eixo é a referência ao rock ‘n’ roll. Neste trabalho, por abordagem transdisciplinar dos estudos literários, pretende-se empreender uma leitura das narrativas, tendo-se em conta as relações estabelecidas entre literatura e cultura pop, sobretudo, no que tange à produção de subjetividades. Entender como se configuram as personagens nos contos é crucial para se refletir sobre os modos de subjetivação na contemporaneidade. A partir da noção foucaultiana de estética da existência, concebe-se o sujeito representado nos contos como provisório, formado por estilhaços da cultura pop, dispersos em um supermercado cultural global. O objetivo é investigar como se constroem os sujeitos, tendo em vista o papel exercido pelos imaginários subculturais e pós-subculturais.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, cultura pop, estética da existência

Rock book: contos da era da guitarra é uma coletânea idealizada pelo escritor Ivan Hegen e publicada em 2011, cujas narrativas se configuram em torno de um eixo comum: a conexão entre rock e literatura. Sobre isto, o próprio organizador comenta em prefácio que tal aproximação poderia “levar alguns cétricos a erguerem as sobrancelhas”. Mas, ao longo do texto, Hegen demonstra o quanto tem em comum rock e literatura:

É preciso vencer os estereótipos dos dois lados: os escritores não se resignam a ser tímidos ratos de biblioteca, nem os roqueiros usam a cabeça apenas para balançar longas madeixas. Do headbanger ao PhD em literatura, as criaturas mais inquietas, as mais despertas, notam que o rock, em sua melhor forma, vai muito além do mero entretenimento. (HEGEN, 2011, p.7)

Sem concordar com as dicotomias expostas por Hegen – seriedade e entretenimento/autenticidade e pose – é importante problematizar acerca do debate deflagrado, referente às relações entre literatura e cultura pop, bem como aos modos de subjetivação representados nas páginas dessa literatura. Essas conexões viabilizam a inserção das narrativas de *Rock book* no âmbito do que se pode denominar discurso literário pop.

Para Evelina Hoisel, em **Supercaos**, pode-se falar em literatura pop, quando se percebe a convergência entre o discurso literário e outras artes, mais precisamente a arte pop. A partir do estudo sobre **PanAmérica e Nações Unidas**, de José Agrippino de Paula, Hoisel sinaliza para a apropriação das técnicas e da linguagem da arte pop e de outras linguagens, que ultrapassam, assim, as fronteiras do texto literário. Tal gesto confere às narrativas pop um caráter dessacralizador, que é intensificado, sobretudo, quando se evidenciam as ligações entre o pop e a cultura jovem.

Dessa forma, quando o pop explora aspectos do cotidiano urbano da sociedade de consumidores e incorpora as técnicas dos meios de comunicação e da produção industrial, ele o faz de modo a tensionar duas forças diferentes – o erudito e o popular – desestabilizando hierarquias. Isso resulta em uma expressão artística que se propõe como revisão de algumas dicotomias como realidade *versus* imaginário; seriedade *versus* diversão. Esses aspectos podem ser vislumbrados também na literatura pop, que promove assim uma horizontalização nas conexões entre o erudito e o popular, perceptível nos contos publicados em *Rock book*, que se apropriam de um conjunto de referências pertinentes ao que se poderia denominar iconografia pop.

O discurso literário pop, para Hoisel, é circunscrito por um imaginário que circula através dos meios de comunicação, do cinema, das histórias em quadrinhos ou da música pop. Tal repertório iconográfico, trabalhado por meio de técnicas oriundas de outras linguagens, encontra nas narrativas pop um espaço fértil para se desenvolver, o que resulta em diversas possibilidades de interpretação do mundo capitalista globalizado. É possível considerar ainda que, ao explorar um universo compartilhado de referências, o discurso literário pop dramatiza os mais diversos processos de construção e reconstrução de identidades no mundo contemporâneo.

Em um dos contos da coletânea, intitulado "Livre do som" , de Andréa del Fuego, observam-se alguns fragmentos de memória, narrados em primeira pessoa por uma personagem que resgata suas experiências de adolescente no final dos anos 80. A tônica da narrativa é estabelecida pela narradora-personagem desde o primeiro parágrafo:

Simple, eu queria ser gótica. Minha amiga arrumou um sobretudo roxo de uma tia, arranjamos umas botas, e ela sugeriu esporas. No centro de São Paulo havia o Hoellisch, um inferninho retangular sem janela, com fumaça e bebidas azuis. Saímos do subúrbio, esperamos o ônibus vestidas com uma mistura de montadoras de touro e velhas de fotografia. (DEL FUEGO *In*: HEGEN, 2011, p.

De imediato, a primeira frase do conto aponta para o projeto da personagem de a constituir uma narrativa coerente de si, a partir de elementos retirados do meio cultural em que se insere. No caso específico, o desejo de ser gótica mobiliza um conjunto de referências compartilhadas, tanto pela amiga como pelos góticos propriamente ditos (os que Hegen denominaria autênticos): o sobretudo roxo e as botas figuram na cena como signos a desempenhar um relevante papel na narrativa de si das personagens.

Digna de nota é a tensão que se estabelece entre centro e periferia; local e global. As personagens são suburbanas que se deslocam rumo ao centro da cidade, em busca de diversão e inserção em um grupo. Ao mesmo tempo, para construir suas identidades, as adolescentes incorporam uma vestimenta que as caracteriza como adeptas de um estilo subcultural, desenvolvido a princípio em terras britânicas, no contexto pós-punk. O modo como são descritas as personagens demonstra que a relação entre centro e periferia ultrapassa o âmbito do deslocamento geográfico pela cidade de São Paulo e atinge a esfera do debate acerca das conexões entre cultura global e cultura local: embora o estilo subcultural se configure na Europa, as personagens brasileiras incorporam-na e resignificam-na, como se percebe na sequência da narrativa.

Já no trecho citado, ao mencionar que eram uma mistura de “montadoras de touro e velhas de fotografia”, a narradora sinaliza para uma diferença com relação ao modelo gótico. Isso se torna patente diante da “prova de fogo” a que são submetidas: “Descendo uma ladeira, dois caras de preto vieram em nossa direção e perguntaram à queima-roupa, que som a gente curtia. Arrisquei The Cure. Gostava mesmo, mas não o suficiente.” (DEL FUEGO *In*: HEGEN, 2011, p. 189). Embora tenham incorporado alguns dos signos que compõem o estilo subcultural gótico, as adolescentes não eram “góticas o suficiente”, como confessa a narradora: “Minha amiga sabia de cor as letras de João Mineiro e Marciano, o que justificava a bota híbrida de roça paulista com Alemanha invernal.” (DEL FUEGO *In*: HEGEN, 2011, p. 189). Percebe-se que a suposta originalidade do estilo subcultural é subvertida, quando se submete à bricolagem realizada pelas personagens.

A cena em foco permite a abordagem de algumas questões pertinentes aos debates teóricos na contemporaneidade. Segundo Joel Birman, a partir de sua interpretação do pensamento foucaultiano em torno da escrita de si, a subjetividade é tomada como um devir. Sem conceber a subjetividade como um dado, desnaturalizando-a, conclui-se então

que o ser é destituído de qualquer fixidez, configurando-se como provisório. Como assinala Birman, pensar as técnicas de si é compreender que “a concepção de subjetividade se teria transformado ao longo da história ocidental, a partir de determinadas técnicas de produção de si mesmo” (BIRMAN, 2000, p.80). Sendo assim, o que há são modos de subjetivação, que se processam na intersecção de múltiplas ordens discursivas.

Conforme o pensamento foucaultiano acerca das técnicas de si na antiguidade, aprendia-se a arte de viver a partir da determinação de regras de conduta para si mesmo, nas cartas e nas *hypomnemata*. Por meio dessas práticas, buscava-se a transformação de si, com base na apropriação e subjetivação de um “já dito” fragmentário disperso no meio cultural. O sujeito, segundo esse prisma, não se compreende então como essência, mas como algo da ordem da produção, formando-se nos registros ético e estético.

As personagens de Andrea del Fuego assumem essa dimensão estética da existência, ao estabelecerem como meta de uma busca a sua transformação, na cena em destaque, em góticas. Nesse processo de subjetivação, as adolescentes captam os signos à disposição no meio cultural – as botas, os sobretudos escuros, as bandas – e tentam unificá-los em uma narrativa coerente de si mesmas. É válido destacar que, nesse processo, também são mobilizados outros signos, dissonantes, que tensionam o local e o global: góticas, fãs artificiais do *The Cure*, com sobretudo roxo, mas conhecedoras das letras de música sertaneja. Esse conflito está resumido na menção feita pela narradora-personagem acerca da “bota híbrida de roça paulista com Alemanha invernal”.

Pode-se afirmar que o texto pop de Andrea del Fuego aponta assim para um relevante questionamento da noção de autenticidade, no que tange à identidade, e da hierarquia entre o global e o local. Pose ou não, como problematiza Hegen, o comportamento assumido pelas personagens sinaliza para alguns aspectos significativos nos modos de subjetivação na contemporaneidade: a relação que se estabelece com a cultura pop e os diferentes níveis de comprometimento com os estilos de vida.

O conto descreve em poucas páginas a passagem de alguns anos na vida dessas adolescentes. Ao longo do período, sucedem mudanças na constituição de si das personagens, como é possível observar no seguinte trecho:

Queríamos sair do subúrbio, mas seria mais prático se encontrássemos algo ali mesmo. Os caras do Devotos de Nossa Senhora Aparecida deram dicas para a minha amiga, um lugar onde se ouvia rock dos anos cinquenta, era só irmos vestidas como mocinhas. Encontramos calça boca de sino num brechó, as botas podiam ser as mesmas da Hoellisch, mas sem as esporas. Sempre achei Elvis

Presley um gordo de porta de geladeira. Não estava errada, seus seguidores eram barrigudos, comiam fandangos com cerveja e queriam se casar. Deveríamos curtir Elvis e saber passar delineador nos olhos, usar saia de cós alto e rabo de cavalo. Minha amiga ficou impecável, o cós da minha saia apertava meu estômago. (DEL FUEGO *In*: HEGEN, 2011, p. 193)

Numa tentativa de inserção entre os admiradores do rock dos anos cinquenta, as adolescentes recompõem a subjetividade, mobilizando e reposicionando signos específicos da subcultura: as botas, que poderiam ser as mesmas da tentativa de serem góticas, delineador nos olhos, saia de cós alto, rabo de cavalo e escutar Elvis Presley. Percebe-se que, ao assumirem uma concepção estética da existência, as personagens redimensionam suas subjetividades, à medida em que modificam seus estilos de vida.

Conforme Anthony Giddens, em **Modernidade e identidade**, o eu deve ser construído reflexivamente. Nos contextos que denomina de modernidade tardia, diante da multiplicidade de alternativas que oferece a sociedade de consumidores, é possível construir narrativas coerentes do eu, a partir da elaboração de estilos de vida. Para o sociólogo britânico, os estilos de vida podem ser compreendidos como um conjunto mais ou menos integrado de práticas rotinizadas levadas a cabo por um indivíduo, tais como hábitos de vestimenta, alimentação, modos de agir ou os espaços frequentados. Os fragmentos de estilos subculturais que compõem as personagens correspondem ao que Giddens menciona acerca dos estilos de vida na contemporaneidade: os hábitos de vestimenta – “era só irmos vestidas de mocinha”; a música que se escuta e o lugar que se frequenta – “deram dicas para minha amiga, um lugar onde se ouvia rock dos anos cinquenta” e os modos de agir, “Deveríamos curtir Elvis e saber passar delineador nos olhos”.

O que se vê no texto de Andrea del Fuego e também figura em outros contos publicados na coletânea de Hegen é a relação explícita entre os signos da cultura pop e os modos de subjetivação que se processam na contemporaneidade. Assim, refletir sobre o *status* do sujeito em uma sociedade de consumidores é um percurso indispensável para compreender de que modos se responde à questão “como devo viver?” e em que medida o consumo está envolvido nesse processo.

No prefácio de *Rock book*, Ivan Hegen destaca sua preocupação com a escolha das narrativas a compor a coletânea, mencionando a importância de que os contos ultrapassem o limite do entretenimento e apresentem-se como produções contraculturais:

Dizem que a rebeldia está rotulada, que se tornou mercadoria. Até certo ponto, é

verdade, os *pop stars* mais insossos aprenderam a fazer cara de mau e a fabricar polêmicas pueris na disputa por espaço nos tabloides. Por outro lado, o que os “homens sérios” ainda não entenderam é que há espírito crítico na cena roqueira. Quem é *poser* e quem é autêntico; a legitimidade do virtuosismo ou o imediatismo dos três acordes; (...) o combate contra os padrões vigentes do senso comum; o engajamento; os perigos do sucesso fácil – são questões debatidas com frequência no interior do movimento. (HEGEN, 2011, p. 8)

O problema em torno dos modos de subjetivação é exemplar no que tange à proposta de Hegen. A representação das personagens aponta para uma ambiguidade na maneira pela qual os signos da cultura pop são apropriados pelos indivíduos. Se, por um lado, alguns estilos subculturais correspondem a um ímpeto transgressor, por outro lado, há a possibilidade de que esses mesmos estilos subculturais sejam agregados a uma cultura hegemônica e tenham seu sentido modificado.

De acordo com Gordon Mathews, em **Cultura global e identidade individual**, existem níveis de formação do eu, que oscilam entre um extremo em que os sentidos atribuídos ao indivíduo são aceitos sem questionamento e outro, em que as escolhas acerca dos modos de vida estão sob o controle do eu. Em outros termos, o Estado (a comunidade) estabelece, em alguma medida, os modos de vida dos cidadãos; entretanto, o mercado também desempenha papel relevante, ao oferecer múltiplas possibilidades de escolha para o indivíduo, o que Mathews denomina supermercado cultural global.

No caso específico, destacado por Ivan Hegen, o que está em jogo é a relação dos indivíduos com as subculturas, conforme definidas por Dick Hebdige em, *Subcultures: the meaning of style*. Para Hebdige, as subculturas (dentre elas, podem ser incluídos os góticos ou os roqueiros dos anos 50) correspondem a produtos do imaginário que se configuram como respostas a um conjunto particular de problemas e/ou contradições. Sendo assim, trata-se aqui de formas simbólicas, históricas, que se apresentam como estratégias de resistência, associadas sobretudo às culturas jovens e à classe operária, cujo objetivo é o de comunicar significados proibidos.

No texto de Hegen, percebe-se que está em destaque o caráter transgressor do rock: cara de mau, espírito crítico, engajamento, combate aos padrões vigentes. No entanto, o escritor também aponta para um contraponto, associado sobretudo com o mercado: “Dizem que a rebeldia está rotulada, que se tornou mercadoria. Até certo ponto, é verdade, os *pop stars* mais insossos aprenderam a fazer cara de mau e a fabricar polêmicas pueris na disputa por espaço nos tabloides” (HEGEN, 2011, p.8). Sob essa perspectiva, haveria, portanto um conflito entre os *posers*, que fazem cara de mau, apenas com vistas a uma

espetacularização dos estilos de vida, e os autênticos transgressores.

Ao invés de operar por uma lógica excludente, acredito que a opção feita por Hebdige sinaliza para a compreensão dos diferentes níveis de comprometimento com as subculturas. Para o teórico, quando os signos dos estilos subculturais se convertem em objetos de consumo, parece haver uma redução no potencial transgressor desses estilos de vida, através do controle de comportamentos desviantes. No entanto, ao compreender o engajamento com as subculturas como um processo de bricolagem, Hebdige possibilita que outros modos de resistência sejam relacionados aos estilos subculturais. Embora as personagens dos contos de *Rock book* recorram ao supermercado cultural global para constituírem suas subjetividades, pode-se afirmar que, de modo ambíguo, é esse procedimento que viabiliza a permanência de um ímpeto transgressor no que se refere aos estilos subculturais.

Como afirma Dick Hebdige, existem diferentes níveis de comprometimento com relação às subculturas. Os estilos subculturais não são essencialmente transgressores, mas o modo como o sujeito se apropria dos seus signos pode determinar o sentido atribuído, por exemplo, à escolha de “ser gótico” ou “ser *grunge*”. Tanto as subculturas podem corresponder a uma dimensão significativa na vida de um indivíduo, como pode se apresentar como uma distração leve. Entre um extremo e outro, são vários os níveis de comprometimento.

É o que se observa em "Livre do som". Na cena em que as duas amigas constataam a necessidade de uma tatuagem, observa-se a tensão entre o *poser* e o autêntico roqueiro:

Minha amiga quis tatuar uma caveira no ombro, eu também, no ato. Fomos procurar algum tatuador que fizesse a cicatriz sem pedir autorização. [...] Ele topou tatuar minha amiga, contanto que a mãe dela estivesse presente. Dias depois, ela saiu do estúdio com uma rosinha no ombro. Enlouqueci. Já minha mãe não faria o mesmo, não iria comigo, não pagaria um centavo. Na mesma semana, conheci um tatuador no ponto de ônibus. (DEL FUEGO *In*: HEGEN, 2011, p. 191)

Enquanto uma das adolescentes tatua o corpo sob a observação da mãe, a outra transgride ao buscar alternativas pouco confiáveis. Ao tatuar uma caveira com o maxilar derretido, a narradora-personagem marca sua diferença frente à amiga “com uma rosinha no ombro”. Apesar de a diferença entre as duas não ser muito grande, percebe-se que o nível de comprometimento da roqueira que tatua uma rosinha é bem menor do que o da adolescente que tatua sem a autorização dos pais e em condições pouco adequadas de

assepsia. Mesmo que o ato de tatuar não seja um gesto essencialmente transgressor, nas circunstâncias específicas de cada personagem, pode assumir sentidos particulares (como ocorre na concepção de estilo subcultural, segundo Hebdige). Ao fim da cena, a narradora afirma: “Minha amiga ficou chocada com minhas costas e voltou ao estúdio do músico. Saiu com um arame farpado em volta da rosinha. Nada que chegasse aos pés do meu desmaio.” (DEL FUEGO *In*:HEGEN, 2011, p.192).

As palavras de Hegen parecem convergir para o que está representado nas páginas de Andrea del Fuego: a oposição entre o autêntico roqueiro transgressor e um *poser*. Mas um olhar mais atento pode perceber que, para além dessa distinção, o que as personagens do conto evidenciam é sua participação ativa na constituição de si, a partir dos fragmentos da cultura pop.

Assim, as narrativas de *Rock book* representam modos de subjetivação na contemporaneidade, a partir dos quais se lança mão dos estilhaços das subculturas na constituição de si. Observa-se que, embora o imaginário do rock se ampare sobretudo na ideia de transgressão, o que as personagens evidenciam é uma tensão entre um ideal de subjetividade roqueira exclusivamente combativo e as diferentes formas de subjetivação desse imaginário.

Diferente do que pensa Ivan Hegen e ultrapassando os limites dos estudos subculturais desenvolvidos por Hebdige, é necessário considerar outras formas de resistência, mais condizentes com o contexto descentrado do *Império*, concebido por Hardt e Negri, e considerar os diversos níveis de comprometimento com os estilos de vida subculturais.

Referências Bibliográficas

- 1] BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- 2] CRUZ, Décio Torres. *O pop: literatura, mídia e outras artes*. Salvador: Quarteto, 2003
- 3] FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *Ditos & escritos V: ética, sexualidade, política*. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.
- 4] GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. São Paulo: UNESP, 2002.
- 5] HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2005
- 6] HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London: Routledge, 2006.
- 7] HEGEN, Ivan (Org.). *Rock book: contos da era da guitarra*. São Paulo: Prumo, 2011
- 8] HOISEL, Evelina. *Supercaos: estilhaços da cultura em PanAmérica e Nações Unidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- 9] MATHEWS, Gordon. *Cultura global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural*. Tradução Mário Mascherpe. Bauru: EDUSC, 2002